

**PAR LA PANTOUFLOCHE DE LA  
PANTOUFLOCHADE!  
A QUESTÃO DAS VARIAÇÕES LINGÜÍSTICAS  
EM UMA TRADUÇÃO DE OS MISERÁVEIS.**

*Ofir Bergemann de Aguiar\**

RESUMO: Este estudo analisa a primeira tradução brasileira de *Os miseráveis*, publicada em 1862, procurando verificar a ocorrência ou não da homogeneização do registro de linguagem, característica geralmente encontrada nas traduções de romance do mundo ocidental e observada em várias traduções realizadas no Brasil.

UNITERMOS: tradução; níveis de linguagem; *Os miseráveis*.

RÉSUMÉ: Cette étude analyse la première traduction brésilienne de *Les misérables*, publiée en 1862, afin de vérifier s'il y a homogénéisation de niveaux de langue, caractéristique que l'on trouve généralement dans les traductions de romans en Occident et observée dans plusieurs traductions faites au Brésil.

UNITERMES: traduction; niveaux de langue; *Les misérables*.

Antoine Berman (1985), em *La traduction et la lettre – ou, l'auberge du lointain*, sustenta que, tradicionalmente, no mundo ocidental, as traduções caracterizaram-se por três traços: do ponto de vista cultural, elas são etnocêntricas, pois observam-se adaptações às normas e aos valores da cultura receptora; literaria-

---

Universidade Federal de Goiás.

mente, são hipertextuais, uma vez que ocorrem transformações formais com base em textos já existentes e, no nível filosófico, são platônicas, centradas no conteúdo. Adiante, o teórico trata do “sistema de deformação dos textos” e inclui, entre outras características, a eliminação das ambigüidades, a destruição das rimas, o enobrecimento do texto e a homogeneização do registro de linguagem.

John Milton (1994), referindo-se a Berman, analisa, em “‘The nurse’s waist’: the translator as censor”, a tradução de *Huckleberry Finn*, de Mark Twain, feita por Monteiro Lobato, afirmando encontrar aí as tendências acima apontadas. Em outro trabalho (Milton, 1996), o estudioso examina as traduções publicadas pelo Clube do Livro entre 1943 e 1976, verificando o corte de referências sexuais, religiosas e escatológicas, assim como a homogeneização do registro da linguagem.

Este estudo<sup>1</sup> enfoca a primeira tradução brasileira do romance *Os miseráveis*, de Victor Hugo, iniciada por Justiniano José da Rocha e continuada por Antonio José Fernandes dos Reis, tendo sido publicada, na forma de romance-folhetim, no *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, em 1862. Tem por objetivo abordar a questão das variações lingüísticas, destacando os procedimentos empregados pelos tradutores quanto a esse ponto, a fim de observar se aí ocorreu, igualmente, a homogeneização do nível de linguagem.

## **A gíria em *Os miseráveis***

Victor Hugo, engajado no trabalho de renovação literária e libertação das amarras do classicismo, concedeu posição preponderante ao linguajar peculiar dos malfetores em *Os miseráveis*. Estampou-o nos diálogos dos quais participam Thénardier –

---

<sup>1</sup> Pesquisa desenvolvida para a realização da Tese de Doutorado *Uma reescritura brasileira de Os miseráveis*, apresentada à UNESP/São José do Rio Preto, em 28 de fevereiro de 1997, sob a orientação do Prof. Dr. Gentil Luiz de Faria.

o protótipo do bandido – e seus companheiros. Retrata-o nas falas de Gavroche, o moleque das ruas parisienses. Ainda não satisfeito, procedeu a um exame do assunto, assumindo uma atitude de pesquisador e antecipando projetos hoje desenvolvidos por lingüistas e sociólogos.

Todo o capítulo II, do livro sétimo, da quarta parte, de nove páginas, por exemplo, é dedicado às raízes dessa linguagem popular. Primeiramente, suas origens estrangeiras são abordadas. Vocábulos derivados de línguas diversas são mencionados com seus correspondentes na língua padrão e com a determinação de sua procedência. Do espanhol, encontra-se, entre outros, *boffette*, que quer dizer *soufflet* (bofetada), proveniente de *bofeton*. Do italiano, *spade*, o mesmo que *épée* (espada), derivado de *spada*. Do inglês, *bichot*, *évêque* (bispo), originado de *bishop*. Do alemão, *caleur*, *garçon* (menino), *kellner*. Do latim, *frangir*, *casser* (quebrar), *frangere*. Do basco, *gahisto*, *diable* (diabo), *gaiztoa*. Do celta, *ménesse*, *femme* (mulher, no sentido pejorativo), *meinec*.

Em seguida, o escritor expõe o que ele chama as raízes mais naturais da gíria. Comenta sobre a criação direta de palavras, isto é, aquelas que não apresentam etimologia, nem analogia: *taule*, que significa *bourreau* (carrasco), ou *sabri*, *forêt* (floresta). Discorre sobre o sentido metafórico de algumas expressões, ressaltando que a abundância de figuras constitui característica marcante de uma língua que pretende tudo dizer, assim como tudo esconder. Como exemplo, entre outros, menciona *dévisser le coco* = *tordre le cou* (maltratar, matar). Por fim, trata do uso arbitrário que se faz da linguagem, desnaturalizando-a, o que denomina “expediente”. Ilustra o procedimento com locuções pitorescas, em que são detectadas metáforas e palavras imediatas: *Le cab jaspine*, *je marronne que la roulotte de Pantin trime dans le sabri*, que quer dizer *le chien aboie*, *je soupçonne que la diligence de Paris passe dans le bois* (o cachorro está latindo, suponho que a diligência de Paris está passando pelo bosque), ou *Le dab est sinve*, *la dabuge est merloussière*, *la fée est bative*, que significa *le bourgeois est bête*, *la bourgeoise est rusée*, *la fille est jolie* (o burguês é tolo, a burguesa é astuciosa, a filha é bonita). E com uma frase em que sufixos como *aille*, *orgue*, *iergue* e *uche* são acrescentados a palavras usuais: *Vousiergue trouvaille*

*bonorgue ce gigotmuche?*, que é o mesmo que *Trouvez-vous ce gigot bon?* (Você acha que esse pernil está bom?), empregada em uma situação em que se questiona sobre uma quantia necessária para uma evasão.

Trata, também, da “corrupção” do idioma, ou seja, da transformação dos vocábulos em outros, assim que seus significados passam a ser conhecidos, uma vez que uma das principais funções da gíria dos marginais é a dissimulação. Assim, *larton*, torna-se *lartif*; *gail*, *gaye*; *fertanche*, *fertille*; *siques*, *frusques*; *chique*, *égrugeoir*; *colabre*, *colas*. Em nota de pé de página, Hugo coloca os equivalentes dessas palavras, que são, respectivamente, *pain* (pão), *cheval* (cavalo), *paille* (palha), *hardes* (trapos), *église* (igreja) e *cou* (pescoço). Cita vocábulos que passaram por mais de uma transformação, bem como a expressão *se battre* (brigar), que no século XVII era conhecida por *se donner du tabac* e no século XIX por *se chiquer la gueule*.

As associações entre os termos populares são, então, focalizadas, ressaltando-se que grandes lições podem delas ser extraídas. A gíria para a palavra “homem” seria *orgue*, uma vez que a idéia de homem e a noção de obscuridade não poderiam ser separadas, e *sorgue* significa noite. Denunciar seria *manger le morceau* (comer o pedaço) – como se o delator tirasse para si um pouco da substância dos outros e se alimentasse de um pedaço da carne de cada um, pois, para os miseráveis, o segredo é a base da união.

No final, o autor lembra as canções dos prisioneiros, constituídas de acumulações lúdicas de sonoridades gratuitas:

*Mirlababi, surlababo,  
Mirliton ribon ribette,  
Surlababi, mirlababo,  
Mirliton ribon ribo.*

### **Ausência de correspondentes**

Ao se observar o texto publicado no *Jornal do Comércio*, no que diz respeito ao capítulo da obra hugoana acima abordado,

percebe-se que a estratégia adotada pelo tradutor foi simplesmente negligenciá-lo. Trata-se, por sinal, da única segmentação completa a não apresentar correspondente na tradução. Não houve, no texto de chegada, o emprego de *socioleto* de criminosos, que desempenhasse, na cultura brasileira, papel similar ao do que apareceu no texto-fonte. Não se deu, nem mesmo, a transcrição dos termos em francês, com a tradução ao lado, como foi feito neste trabalho e é visto em vários outros pontos do texto traduzido.

No capítulo anterior a esse que foi examinado, não se observa, igualmente, no texto de chegada, correspondente para um longo trecho do texto-fonte. Toda a introdução à questão da gíria, constante dessa subdivisão da obra, aparece na tradução. Hugo justifica aí a escolha do tema, assinalando se tratar de assunto odioso, que faz tremer, mas que exige estudo, não podendo dele se esquivar, pois “o pensador que não quisesse atentar para a gíria, assemelhar-se-ia ao cirurgião que voltasse o rosto para não ver uma úlcera ou verruga” (5/8/1862, p.1). Sustenta, ainda, constituir-se a gíria, simultaneamente, um fenômeno literário e um resultado social.

Explica, então, em que acepção o termo “gíria” é abordado na sua dissertação, esclarecendo que não se concentrará nos jargões peculiares a determinadas profissões – ponto a partir do qual se nota a ausência de correspondentes na tradução. O autor francês fornece exemplo de expressões empregadas por comerciantes, cambistas, jogadores, porteiros das ilhas normandas, comediantes, caçadores, pintores e outros profissionais, para as quais não foram buscados equivalentes na língua portuguesa. Afirma que cada um desses segmentos fala gíria, possui sua linguagem específica. O tradutor só volta a empregar correspondentes para os fragmentos do texto-fonte, quando Hugo afirma que restringirá a gíria à língua da miséria e continua a legitimar seu estudo.

Observa-se ausência de correspondente de segmentos da obra em francês, também, em outros momentos do texto traduzido, em que dificuldades quanto a variações de linguagem se encontram em jogo. Em um caso, não se fornece, aí, uma informação lingüística, colocada entre parênteses, no texto-fonte, juntamente com o vocábulo a que fazia referência:

– *Pardieu, s'écria Courfeyrac (Parbleu, à cette époque, tombait en désuétude) (...).* (v.2, p. 254)      – *Por Deus! exclamou Courfeyrac (...).* (22/6, p. 1)

*Parbleu*, que se apresenta como uma interjeição sinônima à anteriormente impressa – *Pardieu* –, é acrescentada no texto de partida, que esclarece constituir termo então em desuso – explicação sobre a variação temporal da linguagem. Na tradução, como se pode perceber, não há a transposição desse detalhe. Não foi posto um análogo obsoleto para “Por Deus!”, com a elucidação correspondente.

Não se encontram, igualmente, no texto de chegada, diferentemente do que ocorre na obra hugoana, esclarecimentos quanto à pronúncia de determinadas palavras, questão que envolve a variante de modalidade linguagem oral / linguagem escrita:

– *Dieu de Dieu! ai-je du malheur! dire que je n'ai pas encore vu quelqu'un tomber d'un cinquième! (Ai-je se prononce j'ai-t-y; cinquième se prononce cintième).* (v. 2, p. 160)      – *Deus do céu! dá-se uma criatura mais caipora do que eu? pois acreditarão que nunca vi ninguém cair de um quinto andar!* (10/6, p. 1)

Trata-se de exclamação de um garoto de rua, ansioso por presenciar algum fato “excepcional” para poder obter o respeito do grupo. A explicação sobre sua maneira de falar foi aí incluída a fim de marcar o registro coloquial comum a essa classe social, índice a que a audiência brasileira do século XIX não teve acesso, o mesmo acontecendo na seguinte passagem:

– *C'est des choses du Jardin des plantes. Ça sert aux animaux féroces. Gniena (il y en a) plein un magasin. Gnia (il n' y a) qu'à monter par dessus un mur (...).* (v. 2, p. 563-4)      – *São coisas do Jardim das Plantas. Isto serve para os animais ferozes. Há lá um armazém cheio destas coisas. A gente só tem que saltar um muro (...).* (1/8, p. 1)

É Gavroche, igualmente pertencente a essa camada dos meninos de rua, quem se expressa, utilizando-se de uma língua falada que se diferencia da padrão, o que não ocorre no texto

traduzido. *Il y en a* é por ele pronunciado *gniena*, assim como *il n'y a* é *gnia*.

Cabe esclarecer que a opção pelo não-emprego de equivalentes para passagens de curta extensão, constantes do romance hugoano, pode ser observada no decorrer de toda a tradução, não se restringindo aos casos em que problemas de tradução específicos se manifestam. Quando da descrição do bispo de Digne, no início da narrativa, por exemplo, não foi traduzida a seguinte frase:

*M. Myriel était dans le diocèse le vrai pasteur, l'ami de tous.*  
(v. 1, p. 104)  
[O Sr. Myriel era, na diocese, o verdadeiro pastor, o amigo de todos.]

Mais adiante, não constou da tradução a seguinte nota de pé de página de Hugo, que trazia uma inscrição gravada em uma cruz, referente à vítima de um acidente:

DOM  
CY A ETE ECRASE PAR MALHEUR  
SOUS UN CHARIOT  
MONSIEUR BERNARD  
DE BRYE MARCHAND  
A BRUXELLES LE (illisible)  
FEBVRIER 1637 (v. 1, p. 427)

[D.O.M. – abreviação do latim *Deo optimo maximo* (a Deus grande e bom) –

Aqui, por infelicidade, foi atropelado por uma carroça o Sr. Bernard De Brye, comerciante em Bruxelas, em (ilegível) de fevereiro de 1637.]

Em outro ponto, para ficar só nesses exemplos, não aparecem, na tradução, duas orações subordinadas relativas presentes no texto-fonte:

*la masure 50-52 (...) se trouvait (...) habitée par plusieurs individus (...). Tous appartenaient à cette classe indigente qui commence à partir du dernier petit bourgeois gêné (...) jusqu'à ces deux êtres auxquels toutes les choses matérielles de la civilisation viennent aboutir, l'égoutier qui balaye la boue et le chiffonnier qui ramasse les guenilles.* (v. 2, p. 171)

*o pardieiro 50-52 (...) achava-se (...) cheio de diversos individuos (...). Todos pertenciam a essa classe indigente que começa no último burguês vexado (...) até aos dois entes em que vão parar todas as coisas materiais da civilização, o varredor de lama e o trapeiro.* (11/6, p. 1)

*Qui balaye la boue* (que varre a lama) e *qui ramasse les guenilles* (que cata os andrajos) não têm correspondentes no texto em português. Optou-se aí por colocar somente os substantivos a que as orações se referiam – *égoutier* (limpador de esgoto)/“varredor de lama” e *chiffonnier*/“trapeiro”, sendo que, no primeiro caso, levou-se em consideração a explicação ali contida.

## Estrangeirismos

As dificuldades quanto a níveis de linguagem, por outro lado, são resolvidas, também, de outras formas. Para transferir o idioleto do personagem Gillernormand, que se diverte encadeando palavras por meio de associações imprevistas, por exemplo, o tradutor preferiu, em determinado momento, empregar um empréstimo ou estrangeirismo:

*Il souffletait énergiquement ses domestiques et disait: Ah! carogne! Un de ses jurons était: Par la pantoufliche de la pantoufliche!* (v. 2, p. 174)

*Esbofeteava energicamente os criados e dizia: Ah! patifão! Uma de suas pragas favoritas era: Par la pantoufliche de la pantoufliche!* (12/6, p. 1)

Percebe-se que não se utilizou um equivalente, em português, para a imprecisão proferida pelo avô do protagonista Marius – *Par la pantoufliche de la pantoufliche!* A expressão aparece na tradução tal como se lê no texto-fonte. *Pantoufliche* e *pantoufliche* constituem substantivos derivados de *pantoufle*



(chinelo), do qual se originou também *pantouflard* (caseiro). *Oche* é um sufixo que se acrescenta à consoante antecedente para formar, na linguagem popular, substantivos ou adjetivos que tenham sentido cômico ou pejorativo.

O tradutor adotou semelhante atitude – estrangeirismo – com as denominações dos cantos das prisões, que, no século XVIII, teriam passado por uma mudança, adquirindo insolência e jovialidade, exprimindo uma alegria diabólica enigmática:

<i>Le plaignif maluré fut remplacé par</i>	<i>Ao plangente maluré sucedeu</i>
<i>larifla. (v. 3, p. 26)</i>	<i>larifla. (5/8, p. 1)</i>

O mesmo procedimento foi empregado ao ser transferida a seguinte fala de um garoto de rua:

<i>- Ohé, Titi, ohéée! y a de la grippe, y a de la cogne, prends tes zardes et va-t'en, pâsse par l'égout! (v. 2, p. 161)</i>	<i>- Ohé, Titi, ohéée! y a de la grippe, y a de la cogne, prends tes zardes et va-t'en, pâsse par l'égout! (11/6, p. 1)</i>
---	---

Esses dizeres representavam o aviso estratégico de que a polícia se aproximava, sendo transmitido de garoto para garoto. Talvez o tradutor não tenha querido passá-lo para o português com receio de não conseguir reconstituir essa exclamação que se “escande (...) como um verso de Homero, com uma entoação quase tão inexprimível como a melopéia eleusíaca das Panatenas”, como foi qualificado esse grito fraternal, célebre em 1830, conforme conta o narrador do romance.

Decisão similar foi tomada no caso da transferência de dialetos da França, que ilustra a questão das variedades geográficas de linguagem:

<i>Né provençal, il [M. Myriel] s'était familiarisé avec tous les patois du midi. Il disait: Eh bé! Moussu, sès sagé? comme dans les bas Languedoc – Onté anaras passa? comme dans les basses Alpes. – Puerte un bouen moutou embe un bouen froumage grase, comme dans les haut Dauphiné. (v. 1, p. 60)</i>	<i>Nascido na Provença, [o Sr. Myriel] facilmente se familiarizara com todas as algaravias das terras meridionais. Dizia como no baixo Languedoc: Eh bé! moussu, sès sagé?, ou como nos Baixos-Alpes – Onté anaras passa? – ou como no Alto-Delphinado – Puerte um bouen mouton embe un bouen froumage grase. (11/3, p. 1)</i>
---	--

Procedeu-se, no texto traduzido, à transcrição dos segmentos tais quais se encontram no texto de partida, sem observações sobre o seu significado.

## Uniformização da linguagem

Entretanto, em outras duas ocasiões em que referência a dialetos foi feita, o tradutor preferiu não mencioná-la, uniformizando a linguagem:

*Mais, après tout, les propos auxquels on mêlait son nom n'étaient peut-être que des propos; du bruit, des mots, des paroles; moins que de paroles, des palabres, comme dit l'énergique langue du midi.* (v. 1, p. 49)

*Mas tudo posto, as conversas em que ia envolto o seu nome eram só conversas: ruídos, sons, palavras, menos do que palavras; parolas, para me servir desse termo de expressiva trivialidade.* (10/3, p. 1)

Nesse caso, que também envolve o bispo de Digne, para corresponder ao vocábulo *palabres*, pertencente à *langue du midi* (língua do sul), foi adotado, na tradução, um "termo de expressiva trivialidade": "parolas", que significa conversa fiada e não se restringe a uma região específica do país. O mesmo acontece na versão de uma passagem que narra a reação de uma mulher ao identificar o homem que solicitava pousada em sua casa como o recém-saído das galês Jean Valjean, o herói do romance:

*aux paroles du paysan: Est-ce que vous seriez l'homme? ... la femme s'était levée, avait pris ses deux enfants dans ses bras et s'était réfugiée précipitamment derrière son mari, regardant l'étranger avec épouvante, la gorge nue, les yeux éfarrés, en murmurant tout bas: Tsomaraude<sup>a</sup>.*

*às palavras do camponês: Será o homem? a mulher tinha-se levantado, tomado ao colo os dois filhos, e refugiado-se precipitada por trás do marido olhando para o estrangeiro com Terror, descoberto o seio, desvairados os olhos, resmoneando em meia voz: é o ladrão!* (19/3, p. 1)

----

<sup>a</sup> *Patois des Alpes françaises. Chat de Maraude* (v.1, p. 124)

Verifica-se que não foi transferida, para a tradução, a nota de pé de página do romance hugoano, que indica a proveniência da expressão proferida – Alpes franceses – e sua significação – gatuno. Como equivalente do termo pertencente ao dialeto da região mencionada, constante do corpo do texto – *Tsomaraude* –, por sua vez, foi colocada uma oração pertencente à linguagem padrão – “é o ladrão”.

Uniformização da linguagem é observada, igualmente, em diversos outros pontos do texto traduzido:

– *Qu'est-ce que tu nous bonis là? Le tapissier n'aura pas pu tirer sa crampe. Il ne sait pas le truc. quoi! Bouliner sa limace et faucher ses empaffes pour maquiller une tortouse. caler des boulins aux lourdes, braser des jaffes. maquiller des caroubles, faucher les durs, balancer sa tortouse dehors. se planquer, se camoufler, il faut être mariol! Le vieux n'aura pas pu, il ne sait pas goupiner!*

-----

– *“ Qu'est-ce que tu nous dis là? L'aubergiste n'a pas pu s'évader. Il ne sait pas le métier. quoi! Déchirer sa chemise et couper ses draps de lit pour faire une corde, faire des trous aux portes, fabriquer des faux papiers, faire des fausses clefs, couper ses fers, suspendre sa corde dehors, se cacher, se déguiser, il faut être malin! Le vieux n'aura pas pu, il ne sait pas travailler!*  
(v.2. p. 579)

– *O que estás aí a dizer! O estalajadeiro não pôde fugir. Pois ele lá entende do ofício? Rasgar a camisa e os lençóis da cama para fazer uma corda, abrir rombos nas portas, fabricar papéis falsos, chaves falsas, cortar os ferros, deitar a corda do lado de fora, esconder-se, disfarçar-se, tudo isto é só para um artista consumado! O velho nada pôde fazer, não sabe trabalhar.* (1/8. p. 1)

Nesse fragmento, o personagem Brujon se dirige a seus colegas para comentar sobre a fuga da prisão de Thénardier e se expressa, como faz todo esse grupo de criminosos, por intermédio do que Hugo designou “a língua da miséria”. Em nota de pé de

página, o autor francês colocou a “tradução” de sua fala, em um nível mais elevado, procedimento repetido em outras ocasiões em que diálogos entre os integrantes dessa turma são narrados.

Percebe-se que o tradutor desconsiderou a gíria constante do corpo do texto hugoano, recorrendo às anotações encontradas ao pé da página, escritas em tom mais formal, para o seu trabalho. Não há, no seu texto, a linguagem de malfeitores que equivaleria à apresentada em francês. Não ocorre, igualmente, a explicitação da adoção de diferentes registros em uma mesma passagem, uma vez que a nota não foi reproduzida.

Na continuação desse colóquio, que contém ainda outros fragmentos além dos aqui citados, idêntico procedimento é verificado:

– *Une veuve<sup>a</sup>, dit Babet.*

– *Ma tortouse<sup>b</sup>, dit Brujon.*

– *L'aubergiste est là, dit Montparnasse.*

(...)

– *Il faut que l'un de nous monte, dit Montparnasse.*

(...)

– *Par ce tuyau? s'écria Babet, un orgue<sup>c</sup>! jamais! il faudrait un mion<sup>d</sup>.*

– *Il faudrait un môme<sup>e</sup>, reprit Brujon.*

----

– <sup>a</sup> *Une corde (argot du Temple).*

<sup>b</sup> *Ma corde (argot des barrières).*

<sup>c</sup> *Un homme.*

<sup>d</sup> *Un enfant (argot, p.1 du Temple).*

<sup>e</sup> *Un enfant (argot des barrières), (v. 2, p. 581)*

– *Uma corda! disse Babet.*

– *A minha corda! exclamou Brujon.*

– *O estalajadeiro não está longe, disse Montparnasse.*

(...)

– *É preciso que um de nós suba, disse Montparnasse.*

(...)

– *Por aquele canudo? exclamou Babet, um homem! pois não subiste! Se fosse um fedelho, não digo que não. – Sim, só um fedelho, acrescentou Brujon. (1/8, p. 1)*

Observa-se que, novamente, as notas do autor francês é que serviram como fonte para a tradução brasileira e não o diálogo transcrito na obra. Houve até uma preocupação em se utilizar uma palavra do registro coloquial “fedelho”, mas ela aparece como uma exceção. Nos outros casos, o nível padrão é adotado. Não há nem mesmo a tentativa de se empregarem sinônimos

para os vocábulos de grafia diferente mas igual sentido, que são encontrados no texto de partida: *veuve/tortouse* e *mion/môme*, que são, respectivamente, traduzidos por “corda” e “fedelho”. O leitor brasileiro não toma conhecimento de que se trata de gíria, nem de que são provenientes de grupos diversos: gíria do Templo, gíria das barreiras.

Também em uma conversa entre Thénardier e sua filha Azelma, entre outros casos, a uniformização de registro foi observada na tradução:

– *Je veux qu'on me fauche le colabre et n'avoir de ma vioc dit vousaille, tonorgue ni mézig, si je ne colombe pas ce pantinois-là<sup>a</sup>.*

-----

<sup>a</sup> *Je veux qu'on me coupe le cou, et n'avoir de ma vie dit vous, toi, ni moi, si je ne connais pas ce Parisien-là.* (v. 3, p. 441)

– *Que me cortem o pescoço e nunca mais diga em minha vida eu, tu, nem vós, se não conheço aquele Parisiense.* (2/10, p. 1)

Solução diversa, mas que igualmente não apresenta um socioleto de miseráveis equivalente ao do francês, é encontrada em um fragmento em que é apresentado um lamento de um refugado social:

– *Je n'entrave que le dail comment meck, le daron des orgues, peut atiger ses mômes et ses momignards et les locher criblant sans être atigé lui-même<sup>a</sup>.*

-----

<sup>a</sup> *Je ne comprends pas comment Dieu, le père des hommes, peut torturer ses enfants et ses petits-enfants et les entendre crier sans être torturé lui-même.* (v. 3, p. 26)

– *Não compreendo como Deus, que é o pai dos homens, pode atormentar seus filhos e os filhos de seus filhos, e ouvi-los gritar sem sentir-se igualmente atormentado* (3).

-----

(3) *Je n'entrave que le dail comment meck, le daron des orgues, peut atiger ses mômes et ses momignards et les locher criblant sans être atigé lui-même.* (5/8, p. 1)

O corpo do texto traduzido traz uma fala em linguagem culta, que apareceu como resultado da tradução dos dizeres constantes da nota do texto de partida, como aconteceu nos três exemplos anteriormente examinados. Essa fala não lembra, em nada, um linguajar restrito a um grupo. Na nota de pé de página, o tradutor transcreveu, em francês, as palavras proferidas pelo indigente, sem nenhuma explicação porém, deixando ao leitor a tarefa de “adivinhar” que se trata de uma língua peculiar. Acrescente-se, ainda, que no decorrer de todo o romance publicado no *Jornal do Comércio* não há especificação quanto à autoria das notas, se do autor ou do tradutor.

Cabe assinalar que a utilização de tradução intralingual, constante do texto de partida, como fonte para a passagem do segmento para o português foi observada, igualmente, em um outro caso. Trata-se da reprodução da linguagem rural proferida por Toussaint, empregada de Jean Valjean, uma camponesa de Barneville:

<i>Je suis de même de même; je chose mon fait; le demeurant n'est pas mon travail. (Je suis ainsi; je fais ma besogne; le reste n'est pas mon affaire.)</i>	<i>Eu cá sou assim; só me importo com meu trabalho; o mais não é da minha conta. (28/8. p. 1)</i>
(v.3, p. 198)	

Foram as frases encontradas entre parênteses, que explicam os dizeres anteriormente expressos, como se vê, que serviram de base para a tradução brasileira. Discurso em variante diferente da urbana não foi elaborado, resultando, uma vez mais, a uniformização da linguagem do romance no texto em português.

Nível de linguagem menos coloquial do que o encontrado no texto-fonte é notado, também, em passagens que não trazem explicações em nota de pé de página, como se pode observar no seguinte fragmento:

<i>- (...) Savez-vous, la nuit, quand je marche sur le boulevard, je vois les arbres comme des fourches, je vois des</i>	<i>- (...) Olhe, de noite, quando vou andando pelos boulevards, as árvores parecem-me forcas, as casas tamanhas</i>
--	---

*maisons toutes noires grosses comme les tours de Notre-Dame, je me figure que les murs blancs sont la rivière, je me dis: Tiens; il y a de l'eau là! Les étoiles sont comme des lampions d'illuminations, on dirait qu'elles fument et que le vent les éteint, je suis ahurie, comme si j'avais des chevaux qui me soufflent dans l'oreille (...).*  
(...)

*- Cinque francs! du luisant! un monarque! dans cette piolle! c'est chenâtre! Vous êtes un bon mion. Je vous fonce mon palpitant. Bravo les fanandels! deux jours de pivois! et de la viandemuche! et du fricotmar! on pitancera chenument! et de la bonne mouise! (v. 2, p. 328-9)*

*como as torres da igreja de Nossa Senhora; suponho que os muros brancos são o rio, e digo comigo mesma: E esta, ali há água! As estrelas são como lanternas de iluminação, parecem fumegar e apagar-se com o vento, sinto-me atordada, como se tivesse cavalos a soprar-me nos ouvidos (...).*  
(...)

*- Cinco francos! um luzente! um monarca! aqui nas unhas! que fortuna! o senhor é um bom rapazinho. Dou-lhe todo o meu coração. Vivam as tertúlias! dois dias de pândega! e cozido a fartar! e assado a não poder mais! que pague! e que belas pingas! (2/7, p. 1)*

Esses dizeres constituem dois trechos de uma conversação entre os personagens Éponine e Marius, mais especificamente, palavras da moça. Ela se encontra enamorada do rapaz e profere um discurso digno de uma “dama”, no início do colóquio, chegando a imprimir uma certa poeticidade ao segmento: *les étoiles sont comme des lampions d'illuminations, on dirait qu'elles fument et que le vent les éteint* (“as estrelas são como lanternas de iluminação, parecem fumegar e apagar-se com o vento”). Quando Marius lhe entrega dinheiro, pois este sabia estar defronte de uma indigente, ela passa a se expressar por meio de gíria, no texto-fonte.

Essa alteração de registro é significativa no romance hugoano, ilustrando a mudança de papel representado pelos atores (Übersfeld & Rosa, 1985). Éponine desveste a sua máscara de mulher apaixonada e começa a encenar a personagem mendiga, emitindo vocábulos característicos dos membros de sua vizinhança: *piolle, chenâtre, mion, fanandels, pivois, viandemuche, fricotmar, mouise*, assim como as expressões: *je vous fonce mon palpitant! e on pitancera chenument!* que, em linguagem comum,

significam, respectivamente: moradia, bom, garotinho, companheiros, vinho, carne, comida, sopa, te entrego meu coração e vamos nos alimentar muito bem.

No texto em português, observa-se uma mudança no discurso, até no que se relaciona ao registro: “aqui nas unhas”, por exemplo, procura imitar o linguajar do texto de partida. Mas a leitura dessa passagem, na tradução, revela mais uma alteração de estado de espírito – de lamentação para exultação – do que uma conscientização, por parte de Éponine, de sua condição de miserável, em virtude do não-emprego abundante de termos desconhecidos pela linguagem considerada culta.

Cumpra destacar que o texto do *Jornal do Comércio* apresenta, ainda, uniformização de linguagem em um ponto ressaltado pelos estudiosos de *Os miseráveis*: a interlocução de Gavroche a um padeiro *keksekça?* (v. 2, p. 551). Trata-se da língua falada. O próprio Hugo, por meio de seu narrador, adverte os leitores de língua francesa para que não tentem reconhecer nessa expressão um vocábulo russo ou polonês, ou algum grito selvagem, pois nada mais é do que uma palavra pronunciada por eles diariamente. Esclarece, então, estar falando de *qu'est-ce que c'est que cela?*

A tradução brasileira em estudo trouxe o seguinte equivalente: “O que é isso?” (31/7, p. 1) que corresponde à elucidação do narrador e, portanto, à língua escrita e não à fala do garoto. Ademais, não incluiu o comentário acima resumido, que acompanhava a pergunta. Em outro momento colocou “Quem é este sujeito?” (15/8, p. 1) como tradução da mesma expressão *keksekça?* (v.3, p. 120), quando a questão se referia a um homem.

Ao transferir para o português *kekçaa* (v.2, p. 554), o mesmo procedimento foi empregado. O narrador esclareceu, no texto de partida, tratar-se de uma palavra que ninguém escrevia, mas que todo mundo falava, explicitando a variação de modalidade oral / escrita, portanto. E explicou o que significava: *qu'est-ce que cela a?*, termo que foi tomado como fonte para o trabalho do tradutor brasileiro, que colocou: “O que tem?” (31/7, p. 1), sem nenhuma menção ao uso, no romance, da língua falada.



## Manutenção do registro

Nível de linguagem mais elevado que o apresentado no texto-fonte, entretanto, não constitui uma constante no trabalho tradutório em questão. Verifica-se, em pontos do texto traduzido, a adoção de um vocabulário que busca exprimir o tom da obra hugoana, como nessa passagem em que Jean Valjean se queixa ao patrão, sobre o montante que este lhe paga por um serviço prestado, que era menor do que o valor recebido pelos outros empregados:

*Il réclama. On lui répondit: cela est assez bon pour toi. Il insista. Le maître le regarda entre les deux yeux et lui dit: Gare le bloc<sup>a</sup>.*

-----

<sup>a</sup> *La prison.* (v. 1, p. 160)

*Ele reclamou. A resposta que teve foi: ainda é demais para ti. Insistiu: O dono da fábrica encarou-o com arrogância e disse-lhe: olha o xilindrô! (1/4, supl.)*

Desta vez, a nota de pé de página não foi utilizada como fonte para a tradução, como se pode perceber. Procurou-se uma gíria – “xilindrô” – que apresentasse sentido semelhante à palavra *prison* (prisão), ali colocada, e que imprimisse o registro coloquial da fala do empregador.

Uma gíria foi empregada, também, na tradução de uma locução emitida por um cocheiro, em relação a Valjean:

*Il a l'air de n'avoir pas le sou; cependant il ne tient pas à l'argent (...).* (v. 1, p. 508)

*Tem cara de quem não dispõe de muita chelpa; entretanto, não se lhe dá de botar dinheiro fora (...).* (26/5, p. 1)

“Chelpa” significa dinheiro. É utilizado em nível de linguagem coloquial. Procurou corresponder à locução *n'avoir pas le sou*, que não constitui registro elevado.

Discurso em linguagem popular que procura imitar o registro do texto de partida é, igualmente, observado nas seguintes passagens:

- |  |   |
|--|---|
| <p>- <i>Veux-tu bien te sauver!</i> (v. 1, p. 174)</p> <p>quand j'étais élève chez Gros, au lieu de barbouiller des tableaux, je passais mon temps à chiper des pommes (...). (v. 2, p. 248)</p> | <p>- <i>Pois ainda não deste às trancas?</i> (12/4, p. 1)</p> <p>quando aprendia com Gros, em vez de borrar quadros passava o meu tempo a surripiar maçãs (...). (21/6, p. 1)</p> |
|--|---|

"Trancas" é um vocábulo popular, sinônimo de pernas. Corresponde aqui a *se sauver* (safar-se), pronunciado pelo protagonista assim que deixava as galés. "Surripiar", no segundo exemplo, termo também popular, foi empregado como tradução de *chiper*, que significa furtar, no registro coloquial.

Em outro momento, até mesmo a reprodução de uma nota é encontrada, trazendo "tradução" da expressão constante do corpo do texto, em linguagem culta, como feito por Victor Hugo:

- |   |   |
|---|---|
| <p>- <i>Quelle bonne sorgue pour une crampe!</i> dit Brujon.</p> <p>-----</p> <p><sup>a</sup> <i>Quelle bonne nuit pour une évacion!</i> (v. 2, p. 573)</p> | <p>- <i>Que bela cega para uma pira!</i> (*) disse Brujon.</p> <p>-----</p> <p>(*) <i>Que bela noite para uma evasão.</i> (1/8, p. 1)</p> |
|---|---|

Houve, nesse caso, a apresentação de um nível de linguagem equivalente ao do texto de partida. Ademais, a questão da alteração do registro se revelou explícita, uma vez que maneiras diferentes de expressar uma mesma situação foram incluídas no texto, o que se deu, também, na seguinte passagem:

- |   |  |
|---|--|
| <p>- <i>Môme! on ne dit pas les sergents de ville, on dit les cognes.</i></p> <p>(...)</p> <p>- <i>Moutard! reprit Gavroche, on ne dit pas un logement, on dit une piolle.</i></p> <p>(...)</p> <p>- <i>On ne dit pas la nuit, on dit la sorgue.</i></p> <p>(...)</p> <p>- <i>On ne dit pas brûler la maison, fit Gavroche, on dit riffauder le bocard.</i></p> | <p>- <i>Toleirão! não se diz beleguins, diz-se filantes.</i></p> <p>(...)</p> <p>- <i>Pateta! replicou Gavroche, não se diz um pouso, diz-se um buraco.</i></p> <p>(...)</p> <p>- <i>Não se diz noite, diz-se cega.</i></p> <p>(...)</p> <p>- <i>Não se diz queimar-se a casa, tornou Gavroche, diz-se chamuscar-se a carangueijola.</i></p> |
|---|--|

(...)

- On ne dit pas la tête, cria Gavroche, on dit la tronche. (v. 2. p. 564-7)

(...)

- Não se diz a cabeça, gritou Gavroche, diz-se a bola. (1/8, p. 1)

Gavroche ensina, nesse fragmento, duas crianças que encontrara perdidas, que “por acaso” são seus irmãos, sem que nenhum deles saiba, o socioleto dos garotos de rua. Essa lição é passada também para o leitor brasileiro, que entra em contato com vocábulos não usuais para as respectivas situações.

A reconstituição de linguagem peculiar, aliás, se dá de formas variadas. Além das já mencionadas, a reprodução da configuração gráfica é observada:

- Tonnerre! voilà pas mal longtemps déjà que je suis paroissien de la paroisse-meurs-de-faim-si-tu-as-du-feu-meurs-de-froid-si-tu-as-du-pain! (v.2. p. 354)

- Com a breca! já não é de ontem que sou freguês da paróquia-morre-de-fome-se-tens-fogo. morre-de-frio-se-tens-pão! (6/7. p. 1)

Percebe-se que várias palavras foram unidas por meio de hífen, resultando um segmento inusitado. A excentricidade da linguagem, além do seu aspecto visual, parece residir no ritmo que, em virtude dessa pontuação, tornou-se alterado.

Outras vezes, para reproduzir o registro, procedeu-se a uma tradução literal:

Il a (...) ses métaphores à lui; être mort, cela s'appelle manger des pissenlits par la racine; ses métiers à lui, (...) établir des péages d'un côté de la rue à l'autre dans les grosses pluies, ce qu'il appelle faire des ponts des arts (...); il a sa monnaie à lui (...). Cette curieuse monnaie, qui prend le nom de loques, a un cours invariable (...). (v. 2. p. 152)

Tem (...) metáforas suas próprias; de quem está enterrado, dizem come dentes de leão pela raiz; ocupações suas próprias (...), estabelecer [ilegível] de um a outro lado da rua quando alagadas pela chuva (ao que ele chama fazer pontes das artes) (...); tem uma moeda sua própria (...). Esta curiosa moeda, a que dão o nome de trapos, tem um curso invariável (...). (10/6. p. 1)

As expressões encontradas para servir de metáforas aos termos destacados – *être mort* (“de quem está enterrado”) e *établir des (...) d’un côté de la rue à l’autre dans les grosses pluies* (“estabelecer (...) de um a outro lado da rua quando alagadas pela chuva”) – e a denominação da moeda circulada entre os meninos de rua revelam-se tradução ao pé da letra das locuções presentes no texto em francês. *Manger des pissenlits par la racine* significa, literalmente, “comer dentes de leão pela raiz” (*pissenlit* é o outro nome dado à planta *dent-de-lion*), assim como *faire des ponts des arts* quer dizer “fazer pontes das artes” e *loques*, “trapos”.

A combinação de tradução da expressão empregada em registro equivalente e empréstimo lingüístico foi também notada:

<p><i>A l’heure où vous lirez ceci, cinq chevaux fougueux nous rapporteront à nos papas et à nos mamans. Nous fichons le camp, comme dit Bossuet. Nous partons, nous sommes partis.</i> (v. 1, p. 213)</p>	<p><i>No momento em que isto ledes, cinco cavalos fogosos levam-nos a nossos papais e a nossas mães. Tomamos as de vila-Diogo, fichons le camp, como diz Bossuet.</i> (29/4, p. 1)</p>
--	--

Esse fragmento foi extraído de uma carta que o personagem Tholomyès e seus amigos deixam para suas respectivas namoradas, rompendo o relacionamento que os ligava, como resposta à solicitação destas quanto à preparação de uma surpresa. Verifica-se que, para a locução *nous fichons le camp*, o tradutor encontrou um equivalente, no que se refere ao sentido bem como ao registro: “tomamos as de vila-Diogo” – que remete a “dar às de vila-diogo”, expressão idiomática designativa de fugir. Logo após, porém, em vez de repetir os dizeres, por meio de uma linguagem comum, como se acha no texto-fonte – *nous partons, nous sommes partis* (vamos embora, fomos embora) –, preferiu transcrever a locução em francês.

Emprego de expressão idiomática equivalente, por sinal, constitui procedimento notado na tradução em estudo:

<p><i>La vie devint sévère pour Marius. (...) Il mangea de cette chose inexprimable qu’on appelle de la vache enragée.</i> (v. 2, p. 261)</p>	<p><i>A vida tornou-se severa para Mário. (...) Ele comeu essa coisa inexprimível a que chamam o pão que o diabo amassou.</i> (23/6, p. 1)</p>
---	--

Locuções, aliás, revelam-se abundantes no texto traduzido, que as traz até quando não aparecem no texto de partida:

<i>Quand il fut rue Pavée, la chiffonnière lui revint à l'esprit, et il eut ce soliloque (...). (v. 3, p. 115)</i>	<i>Quando chegou à rua Pavée, lembrou-se da trapeira e disse com os seus botões (...). (15/8, p. 1)</i>
--	---

<i>et résolut de le dépasser (...). (v. 1, p. 235)</i>	<i>e resolveu levar-lhe as lampas (...). (6/5, p. 1)</i>
--	--

Ressalte-se que “dizer com os seus botões” constitui locução de nível bem menos formal que *soliloque* (solilóquio), empregado aqui em termos literários, uma vez que proferida pelo narrador do romance ao anunciar um discurso de Gavroche para consigo mesmo. Na maioria dos casos, porém, a adoção de tais segmentos no texto brasileiro se deve às peculiaridades da língua portuguesa do século passado e não propriamente a uma intenção de rebaixamento do registro, como exemplifica a expressão “levar as lampas a”, então comum, empregada como equivalente de *dépasser* (ultrapassar, exceder), na última citação.

## Conclusão

Não se pode afirmar, portanto, que a primeira tradução brasileira do romance *Os miseráveis*, cujo início de publicação precedeu a venda dos primeiros volumes da obra na França e na Bélgica<sup>2</sup>, caracterizou-se pela homogeneização do nível de linguagem.

Na sua análise da tradução de *Huckleberry Finn*, realizada por Monteiro Lobato (1882-1948), John Milton sustenta:

---

<sup>2</sup> A publicação da tradução no *Jornal do Comércio* deu-se de 10 de março a 16 de outubro de 1862. Na França e na Bélgica, a obra não foi publicada como romance-folhetim, mas em dez volumes: os dois primeiros em 3 de abril do mesmo ano, quatro outros em 15 de maio e os quatro restantes em 30 de junho.

*the colourful sub-standard forms of the English of the poor whites of the South are **all** homogenised to a dull middle-class Portuguese.* (Milton, 1994, p.105, grifo meu)

Ao tratar das traduções publicadas pelo Clube do Livro entre 1943 e 1976, alega:

**nunca** encontramos uma tentativa de recriar dialetos em **nenhuma** das traduções dos chamados romances “clássicos”. (Milton, 1996, p. 62, grifos meus)

No cotejo entre o romance hugoano em francês e sua primeira tradução, no entanto, os procedimentos empregados envolvendo a tradução de dialetos, idioletos e socioletos, como se observou, não se mantiveram constantes. Ora optou-se pela eliminação de passagens que os traziam e, na maioria dos casos, procedeu-se à uniformização do registro. Outras vezes, porém, estrangeirismos foram adotados e até mesmo a reconstituição do linguajar dos miseráveis foi verificada, descaracterizando, assim, a homogeneização do nível de linguagem.

Talvez a data da realização da tradução explique tal diferença em relação aos romances traduzidos estudados por Milton. No século XIX, a minoria instruída no Brasil dominava a língua francesa, o que pode justificar o uso de diversos vocábulos desse idioma num texto em português. Ademais, os tradutores da época pertenciam a uma elite intelectual sendo, ao mesmo tempo, jornalistas, escritores, políticos e oradores. Os recursos empregados por Victor Hugo foram, sem dúvida, detectados pelos tradutores, que teriam tentado, em algumas passagens, reproduzi-los. Isso pode ser observado nas palavras finais da obra, que constituem os versos que se encontram escritos na lápide de Valjean, fragmento em que se verifica uma preocupação para com o nível retórico-formal do texto:

<i>Il dort. Quoique le sort fût pour lui bien étrange. Il vivait. Il mourut quand il n'eut plus son ange; La chose simplement d'elle-même arriva. Comme la nuit se fait lorsque le jour s'en va.</i> (v. 3, p. 542)	<i>Ele aqui dorme. Bem que sempre a sorte Lhe fosse dura, ainda assim vivia: Perdeu seu anjo, e lhe chegou a morte. Bem como a noite quando acaba o dia.</i> (16/10, p. 1)
---	--

## Referências bibliográficas

- AGUIAR, O. B. (1997) *Uma reescritura brasileira de Os miseráveis*. Tese (Doutorado em Letras). São José do Rio Preto, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista.
- BERMAN, A. (1985) La traduction et la lettre – ou, l'auberge du lointain. In: \_\_\_\_\_. (ed.) *Les tours de Babel: essais sur la traduction*. Mauvezin, Trans-Europ-Repress, p. 33-150.
- HUGO, V. (1862) Os miseráveis. Trad. J. J. Rocha e A. J. F. Reis. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 10 mar-16 out 1862. Original francês.
- \_\_\_\_\_. (1991) *Les misérables*. Paris, Gallimard, 3v.
- MILTON, J. (1994) The nurse's waist: the translator as censor. *Crop*, v.1, p.102-6.
- \_\_\_\_\_. (1996) As traduções do Clube do Livro. *TradTerm* 3, p. 47-65.
- UBERSFELD, A.; ROSA, G. (org.) (1985) *Lire Les misérables*. s.l.: José Corti.

